

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**A lei do desenvolvimento desigual e combinado de León Trotsky:
um breve histórico do conceito**

Felipe Demier*

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo realizar uma sucinta abordagem acerca do conceito de “desenvolvimento desigual e combinado” formulado por León Trotsky a partir de suas observações acerca dos países que realizaram sua modernização capitalista industrial de modo retardatário.

Palavras-chave: 1- Trotsky; 2- desenvolvimento desigual e combinado; 3- Revolução permanente.

Abstract:

The present paper aims to analyze the concept of the *uneven and combined development* through a briefing summary boarding the concern formulated by León Trotsky, from his comments concerning about the countries that had carried through its industrial capitalist modernization in a delaying way.

Keywords: 1- Trotsky; 2- *uneven and combined development*; 3- *Permanent revolution*

Nosso objetivo na presente comunicação é, de forma bastante resumida, apresentar a evolução das reflexões do revolucionário russo León Trotsky acerca das particularidades históricas do desenvolvimento do capitalismo nas chamadas nações *atrasadas*. Desse modo, percorreremos algumas de suas principais obras nas quais essa temática foi abordada, com o intuito central de mostrar como a produção intelectual de Trotsky foi marcada por um reconhecimento de uma historicidade própria aos países que tardiamente realizaram seu processo de modernização capitalista e, conseqüentemente, por um combate a qualquer tipo de *evolucionismo* esquemático e anti-dialético.

Desse modo, avisamos ao leitor que, dada a natureza desse trabalho, ele não encontrará nas páginas seguintes mais do que um **breve histórico da chamada lei do desenvolvimento desigual e combinado**, conceito-chave do pensamento de Trotsky e umbilicalmente vinculado à sua “teoria da revolução permanente” (divisora de águas do movimento comunista internacional a partir de fins da década de 1920), ambas categorias que

* Mestrando em História pelo PPGH – Universidade Federal Fluminense/ Bolsista Faperj.

constituem-se em aportes fundamentais para o entendimento da natureza holística do imperialismo.

As origens do conceito de *desenvolvimento desigual e combinado*

Desde 1906, quando, preso nos cárceres czaristas por seu papel na Revolução de 1905,¹ escreveu sua brochura intitulada *Balanços e perspectivas* (TROTSKY, 1975), Trotsky já apontara a impossibilidade de realização de qualquer etapa revolucionária “democrática” na história futura da Rússia nos mesmos moldes como ocorrera na Europa revolucionária de fins do século XVIII e parte do XIX. Contrariando o *evolucionismo* do raciocínio histórico menchevique, Trotsky, levando em conta a gênese, a composição e a relação entre as classes sociais do país, afirmou o caráter “socialista” da revolução a ser realizada na Rússia. Somente a “ditadura do proletariado”, “arrastando atrás de si os camponeses”, poderia realizar as tarefas “democráticas” deixadas de lado pela impotente, débil e contra-revolucionária burguesia russa. Em outras palavras: na Rússia, medidas “democráticas”, de natureza capitalista, (em especial a reforma agrária), que nos países *avançados* foram realizadas sob a direção burguesia (e que foram vitais para o florescimento do capitalismo), só conseguiriam ser efetivadas na prática se os trabalhadores se apossassem do leme do Estado. Dada a natureza *atrasada* do país que o deixava com uma série de tarefas históricas pendentes, impossíveis de serem superadas ainda no plano do capitalismo, a classe trabalhadora no poder teria que combinar tarefas “democráticas” e “socialistas” no caminho da construção de uma nova sociedade, o que, por sua vez, só poderia ser alcançada com a vitória do proletariado no espectro internacional. O capitalismo russo, portanto, não poderia conhecer nenhuma etapa “democrática” em seu desenvolvimento. A bandeira da “ditadura do proletariado” colocava-se, na perspectiva trotskista, na ordem do dia para os trabalhadores russos.²

Não obstante toda a campanha estalinista a partir da segunda metade dos anos 20 para opor Trotsky a Lênin, é fato que nos anos seguintes à Revolução de 1905 houve algumas divergências entre ambos quanto à caracterização do papel a ser desempenhado pelas distintas

¹ Em 1905, Trotsky foi o principal dirigente do *soviet* de Petrogrado, o mais importante organismo criado pelas massas naquele processo revolucionário que abalou a monarquia czarista.

² Mais de duas décadas depois, referindo-se ao surgimento de sua “teoria da revolução permanente” em 1905, Trotsky afirmou: “Ela [a ‘teoria da revolução permanente’] demonstrava que, em nossa época, o cumprimento das tarefas democráticas, proposto pelos países atrasados, conduzia diretamente à ditadura do proletariado, que coloca as tarefas socialistas na ordem do dia. Nisso consistia a idéia fundamental da teoria. Enquanto a opinião tradicional considerava que o caminho para a ditadura do proletariado passa por um longo período de democracia, a teoria da revolução permanente proclamava que, para os países atrasados, o caminho para a democracia passa pela ditadura do proletariado. Por conseguinte, a democracia era considerada não como um fim em si, que deveria durar dezenas de anos, mas como o prólogo imediato da revolução socialista, à qual se ligava por vínculo indissolúvel. Dessa maneira, tornava-se permanente o desenvolvimento revolucionário que ia da revolução democrática à transformação socialista da sociedade.” (TROTSKY, 1985; p.24.)

forças sociais num eventual processo revolucionário no país. Se Trotsky, sem receios, apontava a direção do proletariado sobre os camponeses como condição necessária para qualquer revolução na Rússia, o que o fazia lançar a fórmula da “ditadura do proletariado”, Lênin, por seu turno, tinha dúvidas quanto à inevitabilidade de uma maioria operária num futuro governo revolucionário, dado o enorme peso do campesinato no país. Por conta disso, Lênin trabalhava com a fórmula da “ditadura democrática do proletariado e dos camponeses” para a Rússia, na qual não deixava muito claro a preponderância de uma classe sobre a outra (proletariado e campesinato) nos rumos da revolução. A partir dessa fórmula ambígua e imprecisa, Lênin, de algum modo, ainda ficava preso à idéia de que poderia haver alguma revolução “burguesa” no país, no sentido em que compreendia que um possível governo de maioria camponesa, com apoio do proletariado, e sem a burguesia, poderia vir a realizar tarefas revolucionárias de cunho “democrático” na Rússia, o que, entretanto, ainda a manteria nos limites de uma nação capitalista. Trotsky, por sua vez, baseando-se nos escritos de Marx e Engels sobre França e Alemanha e em sua observação da realidade russa, considerava o campesinato incapaz de dirigir qualquer processo revolucionário, restando-lhe apenas a opção de seguir a burguesia ou o proletariado. Contudo, o que é essencial é que Lênin, tal como Trotsky, jamais vislumbrou a possibilidade da burguesia russa vir a exercer qualquer papel revolucionário, “democrático”, nos destinos do país. Guiados por um raciocínio “etapista”, a maioria da direção dos bolcheviques, tal como os mencheviques, era, até a chegada de Lênin em abril de 1917 na Rússia, adepta da idéia de que o governo Kerensky poderia realizar a etapa “democrática” da revolução, o que adiava a questão da tomada do poder pelos trabalhadores para bem distante. Como é sabido, ao lançar o lema de “todo poder aos *soviets*”, Lênin alterou a conduta do partido e colocou a questão da “ditadura do proletariado” na ordem do dia, aproximando-se definitivamente da leitura de Trotsky sobre o caráter da revolução russa. Como o próprio Lênin analisou mais tarde, as tarefas “democráticas” da revolução não foram realizadas nos meses entre fevereiro-outubro de 1917, e sim no período iniciado após a tomada do poder pelos trabalhadores em outubro do mesmo ano. Lênin, tomando a experiência histórica da Revolução de Outubro, reconheceu que sua fórmula provisória da “ditadura democrática” não se realizou na prática, e sim a da “ditadura do proletariado”. Quase dez anos depois de outubro de 1917, diante do processo revolucionário chinês, Stálin, Bukharin e cia, adotaram a velha fórmula frustrada da “ditadura democrática” para a China. Contudo, esdruxulamente, esta estratégia foi utilizada pela direção da IC para conduzir o processo revolucionário à sua sonhada etapa “democrática” sob direção da

burguesia (representada, no caso, pelo Kuomintang), algo que jamais esteve sequer cogitado quando Lênin lançou mão de sua fórmula da “ditadura democrática” contra o czarismo.³

Logo após a experiência revolucionária de 1905, Trotsky já se encontrava na contramão do *evolucionismo vulgar* (“etapismo”), de fundo *economicista*, que permeava grande parte do marxismo à época. Em seu *Balanços e perspectivas*, já se podia ler o seguinte:

O proletariado cresce e se fortalece com o crescimento do capitalismo. Nesse sentido, o desenvolvimento do capitalismo equivale ao desenvolvimento do proletariado para a ditadura. O dia e a hora, porém, em que o poder deve passar para as mãos da classe operária não dependem *diretamente* do nível das forças produtivas, e sim das condições da luta de classes, da situação internacional e, afinal, de uma série de elementos subjetivos: tradição, iniciativa, disposição para o combate...

É possível que o proletariado de um país economicamente atrasado chegue ao poder antes do proletariado de um país avançado do ponto de vista capitalista [...] Considerar que a ditadura do proletariado dependa automaticamente das forças técnicas e dos recursos de um país significa repetir um preconceito oriundo de um materialismo “econômico” simplificado ao extremo. Tal opinião nada tem de comum com o marxismo. A nosso ver, a revolução russa criará condições sob as quais o poder poderá (e, em caso de vitória da revolução, *deverá*) passar às mãos do proletariado antes de terem os políticos do liberalismo burguês a oportunidade de revelar toda a beleza do seu gênio político. (TROTSKY, 1975: p. 38-39. Tradução nossa. Grifos em itálico do autor. Grifos em negrito nossos.)⁴

De sua prisão após a Revolução de 1905 até a vitória dos bolcheviques em outubro de 1917, Trotsky, no exílio, publicou vários artigos e panfletos em periódicos da esquerda européia, em especial os dirigidos por emigrados russos, nos quais defendeu suas

³O primeiro grande momento no qual a linha política “etapista” da IC para os países “coloniais” e “semi-coloniais” deu sinais de sua natureza equivocada e ativou o debate entre seus adeptos e opositores no seio do movimento comunista internacional foi a revolução chinesa de 1925-27. A vaga revolucionária aberta na China neste período teve como resultante um enorme desastre para o proletariado, o campesinato e o conjunto da militância do país. Seguindo orientação da III Internacional, o Partido Comunista Chinês (PCCh), procurando aproximar-se da burguesia “nacionalista” do país em busca de uma luta contra o imperialismo e os senhores feudais objetivando a vitória de uma “revolução democrática”, aliou-se ao Kuomintang, partido “nacionalista-burguês” liderado pelo general Chiang Kai-shek, chegando mesmo a se dissolver no interior deste e a se submeter à sua disciplina militar. Após ter, por ordens de Stálin, entregue suas armas ao Kuomintang em meio a um ascenso grevista operário em Xangai, os militantes comunistas e milhares de trabalhadores foram literalmente massacrados pelo exército de Chiang Kai-shek. Não satisfeitos com a derrota sofrida em função da política “oportunista” de aliança com Chiang Kai-shek, os dirigentes da IC orientaram o PCCh a aliar-se com a “ala esquerda” do partido burguês chinês, liderado por Wang-Ching-wei, que havia provisoriamente rompido com Chiang Kai-shek. Todavia, não tardou para que o Kuomintang de “esquerda” começasse a expulsar de suas fileiras os comunistas e reprimisse as manifestações operárias. Por fim, com o PCCh praticamente dilacerado, a IC, numa guinada “ultra-esquerdista”, orientou os comunistas chineses a criarem, praticamente do dia para a noite, “conselhos” operários, o que resultou num levante frustrado e em novo massacre, dessa vez em Cantão.

⁴Trotsky, tanto em *Balanços e perspectivas* quanto em outros escritos do mesmo período (muitos publicados à época numa obra do revolucionário intitulada *Nossa revolução*), recebeu a influência de Alexander Helphand, mais conhecido como Parvus, destacado pensador marxista que, em suas análises sobre a sociedade russa, já apontava o proletariado como o único sujeito revolucionário. Nesse sentido, muitos afirmaram que, de certo modo, Parvus é co-autor, ao lado de Trotsky, da “teoria da revolução permanente”. Não obstante sua argúcia teórica, Parvus acabou por apoiar o imperialismo alemão quando da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

concepções acerca da revolução russa.⁵ A incapacidade do governo provisório russo instaurado a partir da Revolução de Fevereiro de realizar medidas democráticas significativas fez com se confirmasse os prognósticos de Trotsky acerca da fragilidade e impotência da burguesia russa no poder. A congruência entre as visões de Trotsky e de Lênin referentes à estratégia a ser adotada pelo proletariado diante do governo Kerensky (tomada do poder, “todo poder aos *soviets*”) teve como corolário a adesão do primeiro ao partido bolchevique. Uma vez conquistado o poder por este último, Trotsky assumiu funções-chave na condução do Estado soviético (relações exteriores, Exército Vermelho, política econômica etc.) e relegou a segundo plano o debate sobre o caráter da revolução nos países de desenvolvimento capitalista retardatário.⁶

A revolução na China e o amadurecimento do conceito

Seria somente cerca de dez anos depois da Revolução de Outubro, por ocasião da revolução chinesa de 1925-1927, que Trotsky retomaria sua produção sobre essa temática. Imerso diretamente em polêmicas com a direção da IC referentes à política revolucionária para a China, Trotsky buscou sistematizar sua “teoria” da revolução para os países *atrasados*. Em novembro de 1929, exilado em Alma-Ata após sua expulsão do PCUS, Trotsky concluiu sua obra *A revolução permanente*, publicada em 1930 (TROTSKY, 1985). Quase que inteiramente baseada no caso chinês, a obra respondia aos pesados ataques que o autor recebera dos estalinistas do Komintern por conta das críticas que fez à política desastrosa desse para o Oriente revolucionário. Defendendo-se dos “epígonos” que comandavam a IC⁷ e de seu ex-companheiro da “Oposição de Esquerda” Rádek,⁸ Trotsky tomou a experiência da Revolução de Outubro para demonstrar tanto como havia acertado em seus prognósticos feitos desde *Balanços e perspectivas* (que, como frisa Trotsky em *A revolução permanente*, não eram opostos aos realizados por Lênin como diziam os estalinistas e Rádek, e sim muito próximos) como para defender a impossibilidade de uma revolução “democrático-burguesa” na China *atrasada* “semi-colonial”. Dado o modo *desigual e combinado* como o capitalismo

⁵ Entre os jornais que Trotsky colaborou em seu longo exílio na Europa podemos destacar o *Nache Slovo* (Nossa Palavra), *Novji Mir* (O Novo Mundo) e *Kievskaja Misl* (Pensamento Kieviano).

⁶ Uma brilhante descrição e análise histórica acerca da trajetória política e intelectual de Trotsky desde os primeiros anos do século XX até sua expulsão do PCUS e da União Soviética em finais da década de 1920 pode ser encontrada em (DEUTSCHER, 1968); (DEUTSCHER, 1984) e (TROTSKY, 1969).

⁷ O termo “epígonos” foi utilizado por Trotsky para denominar os burocratas estalinistas que se apoderaram do PCUS e da IC após a morte de Lênin.

⁸ Expulso do PCUS em conjunto com a “Oposição de Esquerda” liderada por Trotsky em fins de 1927, o bolchevique de origem polonesa Karl Rádek escreveu um manuscrito no qual atacou violentamente a “teoria da revolução permanente” como forma de preparar sua capitulação ao partido, o que acabou ocorrendo. Todavia, em 1937 foi condenado a dez anos de trabalhos forçados e em 1942 foi assassinado por ordens de Stálin no local onde cumpria sua pena.

se desenvolvesse nessa, somente a ditadura do proletariado, passando, de modo ininterrupto, *permanente*, das medidas “democráticas” às medidas “socialistas”, poderia livrá-la de suas estruturas arcaicas e de sua submissão ao imperialismo.

Segundo Alvaro Bianchi, foi em *A revolução permanente* que Trotsky produziu a terceira e última versão de sua “teoria da revolução permanente”. Segundo Bianchi, a primeira teria sido formulada nos escritos de Trotsky realizados no imediato pós-revolução de 1905 (em especial, em *Balanços e perspectivas*), nos quais o jovem militante definiu o caráter e os sujeitos sociais da revolução a ser empreendida na Rússia czarista. Uma segunda versão da teoria poderia ser percebida quando Trotsky, aderindo à perspectiva leninista de organização, compreendeu a necessidade de um sujeito político, o partido bolchevique, dirigir o proletariado rumo à revolução (essa compreensão por parte de Trotsky teve como consequência prática a sua adesão e de seu grupo *Mezhraionka* [Organização Interdistrital] ao partido de Lênin.). A terceira versão, expressa em *A revolução permanente*, seria marcada por um forte viés internacionalista, que afirmaria que a compreensão do caráter da revolução nos países “coloniais” e “semi-coloniais” só poderia se dar a partir do entendimento destes enquanto elementos constituintes de um sistema internacional, o capitalismo mundial em sua fase imperialista (BIANCHI, 2001).⁹

Toda essa argumentação de Trotsky fundava-se na idéia de que o desenvolvimento do capitalismo nas regiões *atrasadas* continha uma historicidade própria, o que contrariava a lógica da repetição das “etapas” do capitalismo europeu “clássico” nas localidades “coloniais” e “semi-coloniais”, tal como apregoava a III Internacional. A forma específica como o capitalismo se apresentava nos países *atrasados* (combinando dialeticamente elementos modernos com estruturas arcaicas) não seria decorrência, segundo Trotsky, de uma mera questão de “estágios” diferenciados entre estes e os países de capitalismo *avançado*. Essa assertiva, por sua vez, alicerçava-se numa perspectiva que compreendia o capitalismo como uma *totalidade* contraditória, e não como uma mera soma de nações (partes) isoladas. Justamente por serem fragmentos integrados dialeticamente em um todo (o capitalismo mundial), as regiões “coloniais” e “semi-coloniais” não poderiam desenvolver a sua história *em separado*, e, portanto, não seria possível superar o *atraso* passando-se a um “estágio” superior ainda dentro dos marcos do capitalismo. O sistema capitalista, em especial a partir de sua fase imperialista, não deixaria mais espaço para esses desenvolvimentos “autônomos”, impossibilitando que a história das regiões retardatárias

⁹ Denominando a “teoria da revolução permanente” como “revolução do atraso”, Baruch Knei-Paz realiza também uma boa síntese das idéias de Trotsky acerca da revolução nos países *atrasados*, contudo, coloca em xeque a “utilidade” destas para uma “ação instrumental” (KNEI-PAZ, 1985).

repetisse a história das regiões pioneiras. Do mesmo modo, o desenvolvimento histórico das nações centrais dependeu e dependia inteiramente das relações estabelecidas entre essas e as localidades periféricas. Essa perspectiva holística de Trotsky era a base de seu internacionalismo que se opunha frontalmente à teoria do “socialismo num só país” sustentada pelos estalinistas, o que o levava à defesa de posições políticas completamente distintas desses últimos. Nos trechos a seguir extraídos de *A revolução permanente*, pode-se perceber a imbricação existente entre a concepção de Trotsky acerca do desenvolvimento histórico dos países *atrasados* e suas propostas políticas para o proletariado destes:

Como instituir, então, a ditadura do proletariado em vários países atrasados, como a China, a Índia etc.? Respondemos: a história não se faz por encomenda [...] É preciso não tomar, nunca, como ponto de partida a harmonia preestabelecida da evolução social. Apesar do afetuoso abraço teórico de Stálin, a lei do desenvolvimento desigual ainda existe, manifestando sua força tanto nas relações entre países como na correlação das diferentes séries de fenômenos dentro de um mesmo país. A conciliação do desenvolvimento desigual da economia e da política só pode ser obtida na escala mundial. Isso significa, em particular, que o problema da ditadura do proletariado na China não pode ser considerado exclusivamente nos limites da economia e política chinesas. **E estamos, aqui, diante de dois pontos de vista que se excluem reciprocamente: o da teoria internacionalista e revolucionária da revolução permanente e o da teoria nacional-reformista do socialismo num só país.** Não só a China atrasada, mas nenhum país do mundo poderá construir o socialismo dentro dos seus quadros nacionais: a isso se opõem não só as forças produtivas que, altamente desenvolvidas, ultrapassam os limites nacionais, como também as forças produtivas que, insuficientemente desenvolvidas, impedem a nacionalização [...].

Significará isso que todo país, mesmo um país colonial atrasado, esteja maduro senão para o socialismo, ao menos para a ditadura do proletariado? Não, não significa. Mas, então, como fazer a revolução democrática em geral e nas colônias em particular? Respondo com outra pergunta: E quem disse que todo país colonial está maduro para a realização integral e imediata de suas tarefas nacional-democráticas? É preciso inverter o problema. **Nas condições da época imperialista, a revolução nacional-democrática só pode ser vitoriosa quando as relações sociais e políticas do país estejam maduras para levar o proletariado ao poder, como chefe das massas populares [...]** Na China, onde o proletariado, apesar da situação excepcionalmente favorável, foi impedido, pela direção da Internacional Comunista, de lutar pelo poder, as tarefas nacionais se realizaram de maneira miserável, instável e má, sob o regime do Kuomintang (TROTSKY, 1985. Grifos nossos).

Partindo desta leitura acerca das possibilidades de desenvolvimento dos países *atrasados* na época do imperialismo, Trotsky polemizou com a proposta de uma “ditadura democrática” (sob direção da “burguesia nacional”) lançada para China e demais localidades “coloniais” e “semi-coloniais” pela III Internacional:

Não se pode prever quando e em que condições um país estará maduro para a solução verdadeiramente revolucionária das questões agrária e nacional. **Em todo o caso, podemos afirmar, desde já, com toda a certeza, que tanto a China como a Índia só poderão chegar a uma verdadeira democracia popular, isto é, operária**

e camponesa, por meio da ditadura do proletariado. Numerosas etapas diferentes podem esperá-los nesse caminho. Sob pressão das massas populares, a burguesia ainda dará passos à esquerda, para depois ferir o povo de maneira impiedosa. Períodos de “dualidade de poderes” são possíveis e prováveis. **Uma hipótese, porém, está completamente excluída: a de que possa haver verdadeira ditadura democrática que não seja a ditadura do proletariado.** Uma ditadura democrática independente só pode ter o caráter do Kuomintang, o que significa que será inteiramente dirigida contra os operários e os camponeses. É preciso compreender e ensinar isso às massas, sem ocultar a realidade das classes com uma fórmula abstrata (TROTSKY, 1985. Grifos nossos).

Palavras finais

Muitas outras obras e escritos de León Trotsky nos quais o revolucionário abordou, a partir de sua *lei do desenvolvimento desigual e combinado*, a dinâmica histórico-social dos países que tardiamente realizaram seu processo de modernização capitalista industrial poderiam ter sido aqui mencionados. Entretanto, pelo limitado espaço que dispusemos aqui, esperamos abordá-los alhures.¹⁰ Entretanto, esperamos ter cumprido nosso objetivo nesta brevíssima comunicação, que foi o de expor como a perspectiva de Trotsky acerca da historicidade dos chamados países *atrasados* difere-se, ou melhor, opõe-se frontalmente à perspectiva *evolucionista* que estruturou as análises da II Internacional e da IC estalinizada.

Referências bibliográficas:

BIANCHI, Alvaro. “O primado da política: revolução permanente e transição” in *Outubro* nº.5. São Paulo, 2001, pp. 101-115.

DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky. O profeta armado(1879-1921)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. *Trotsky. O profeta desarmado (1921-1928)*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

LÖWY, Michael. “A teoria do desenvolvimento desigual e combinado” in *Outubro*, n. 1, 1998, p. 73-80.

¹⁰ Os principais escritos nos quais Trotsky expôs sua perspectiva histórica e política acerca dos países *atrasados* estão reunidos em (TROTSKY, 2000). Análises significativas acerca da *lei do desenvolvimento desigual e combinado* de Trotsky podem ser encontradas em (LÖWY, 1998); (KNEI-PAZ, 1985) e (BIANCHI, 2001).

KNEI-PAZ, Baruch. “Trótski: revolução permanente e revolução do atraso” *in* HOBBSBAWM, Eric J. (org.) *História do marxismo V* (o marxismo na época da Terceira Internacional: A Revolução de Outubro: O automarxismo). 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, pp. 159-196.

TROTSKY, L. *Minha vida*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

_____. *A revolução permanente*. 2ª edição. São Paulo: Kairós, 1985.

_____. *Resultados Y perspectivas. Tres concepciones de la revolucion russa*. Buenos Aires: el Yunque editora, 1975.

_____. *La teoria de la revolución permanente (compilación)*. Buenos Aires: CEIP León Trotsky, 2000.